



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**INGRID VITORIA MACIEL DE MELO SILVA**

**SEXUALIDADE, CLASSE SOCIAL E DESEJO: CONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS  
SEXUAIS HOMOERÓTICAS ENTRE HOMENS**

Recife  
2022

|

**INGRID VITORIA MACIEL DE MELO SILVA**

**SEXUALIDADE, CLASSE SOCIAL E DESEJO: CONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS  
SEXUAIS HOMOERÓTICAS ENTRE HOMENS**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais alocado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento

Recife  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Maciel, Ingrid Vitoria.

Sexualidade, classe social e desejo: configurações de práticas sexuais  
homoeróticas entre homens / Ingrid Vitoria Maciel. - Recife, 2022.  
29 f, tab.

Orientador(a): Luiz Felipe Rios

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais -  
Bacharelado, 2022.

1. Sexualidade. 2. Classe Social. 3. Desejo. 4. HSH. 5. Masculinidade. I.  
Rios, Luiz Felipe. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

**INGRID VITORIA MACIEL DE MELO SILVA**

**SEXUALIDADE, CLASSE SOCIAL E DESEJO: CONFIGURAÇÕES DE PRÁTICAS  
SEXUAIS HOMOERÓTICAS ENTRE HOMENS**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais alocado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 28/10/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento - Orientador | DPsi – UFPE

Profa. Dra. Marion Teodósio de Quadros – Examinadora Interna | PPGA - UFPE

Profa. Dra. Lady Selma Ferreira Albernaz – Examinadora Interna | PPGA - UFPE

Dedico este trabalho aos pesquisadores e cientistas que contribuem para o avanço da sociedade e auxiliam na compreensão do mundo.

## AGRADECIMENTOS

Quando se conclui uma etapa, costuma-se refletir sobre os caminhos trilhados, as escolhas feitas, os encontros e desencontros que nos levaram a consumir determinada experiência de vida.

Este trabalho, não diferente de tantos outros, é resultado de uma série de experiências, dessas que só se podem ser experienciadas em conjunto. Assim é o universo acadêmico, o que de início parece ser apenas um recorte de tantos outros setores da vida, na verdade se mostra de uma importância tamanha que chega a se enredar inclusive com os aspectos pessoais e emocionais.

Por essas razões é que começo agradecendo a minha família nuclear, mãe, Sheila Maciel de Melo Silva, e pai, Braz Antônio da Silva, que contra todas as expectativas de uma sociedade opressora e desigual, indubitavelmente foram e continuam a ser suporte e estímulo para que eu permaneça nesse percurso de vida árduo, mas proveitoso e fértil, da ciência.

Agradeço também a minha ancestralidade por me permitir à conclusão exitosa deste trabalho. Aos tantos amigos que me fortaleceram nesta caminhada, não apenas aqueles que já conhecia, mas também os que adquiri ao longo desses anos de graduação, tenho imensa gratidão pelos aprendizados partilhados.

Sou muitíssimo grata, em especial, ao meu querido parceiro, Bruno Leandro Araújo Vitor, com quem tantas vezes dividi as delícias e angústias desses últimos anos. Agradeço por compartilhar comigo as competências técnicas que me auxiliaram no processo de feitura das diversas atividades acadêmicas que realizei, e pelo apoio emocional que me fortalece enquanto pessoa.

Por fim, sinto-me privilegiada pela oportunidade de ter exercido a pesquisa que embasou este trabalho, principalmente pelos encontros e escuta dos informantes. Ir a campo é sempre um aprendizado. Além disso, agradeço ao meu orientador Luis Felipe Rios pelos ensinamentos e comprometimento com a ciência e formação profissional, sobretudo por ter acreditado em minha capacidade no exercício como pesquisadora.

A vida só é possível reinventada  
- Cecília Meireles

## RESUMO

A pesquisa investigou as implicações de classe social na formação das parcerias sexuais. O trabalho de campo teve um enfoque etnográfico e foi realizado na Região Metropolitana do Recife, entre 2019-2022, por meio de 38 entrevistas temáticas com homens que fazem sexo com homens, as quais foram gravadas, transcritas e submetidas a análise de conteúdo. Observou-se a complexidade de elementos que remetem a classe, onde indicadores como renda e escolaridade são importantes referências ao lado de bairro de nascimento/moradia e lugares de lazer para configuração contextual de *ethos*. A relação entre marcadores varia conforme os informantes na configuração de classe. Não obstante, observou-se a ocorrência de uma estilização que remete diretamente a classe: o *boy padrão*. Este configura tudo aquilo que é esperado de um homem que possui um bom poder aquisitivo - corpo malhado, sorriso cuidado – mas que também intersecciona com estilizações de raça (configura branquitude) e gênero (configura masculinidade).

Palavras-chave: sexualidade; classe social; *ethos*; desejo; HSH.

## **ABSTRACT**

The research investigated the implications of social class in the formation of sexual partnerships. The fieldwork had an ethnographic focus and was carried out in the Metropolitan Region of Recife, between 2019-2022, through 38 thematic interviews with men who have sex with men, which were recorded, transcribed and subjected to content analysis. The complexity of elements that refer to class was observed, where indicators such as income and education are important references next to the neighborhood of birth/dwelling and places of leisure for the contextual configuration of ethos. The relationship between markers varies according to the informants in the class configuration. Nevertheless, it was observed the occurrence of a stylization that refers directly to the class: the standard boy. This configures everything that is expected of a man who has a good purchasing power - fit body, careful smile - but that also intersects with stylizations of race (configure whiteness) and gender (configure masculinity).

Keywords: sexuality; social class; *ethos*; desire; HSH.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
Classe e homossexualidade masculina.....	12
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÕES: SOCIABILIDADE, CLASSE SOCIAL E DESEJO .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 Ponderações sobre as atribuições de classe social.....</b>	<b>19</b>
Arranjos familiares e residenciais .....	19
Composição das despesas – individual e da residência.....	20
Pandemia de Covid-19 como analisador de classe.....	21
Escolaridade .....	21
<b>3.2 Estilo de vida, classe, renda e lazer .....</b>	<b>22</b>
Renda e mobilidade .....	22
<i>Ethos</i> múltiplos .....	23
<b>3.3 Figuras do desejo: o boy padrão como estilização de classe média .....</b>	<b>24</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca identificar como marcadores de classe social e renda mediam os roteiros sexuais que pautam as condutas sexuais de homens que fazem sexo com homens (HSH), acionando desejabilidade nas escolhas das parcerias sexuais.

Apesar de praticarem sexo com homens, HSH não denota apenas pessoas auto identificadas como homossexuais. A literatura apresenta que a conduta sexual entre HSHs possui diversos arranjos que abarcam distintas identidades sexuais, performances de gênero, representações sociais, posições de classe; o que, por um lado, pode ampliar as interações sexuais entre homens; por outro, provocam diferenças e hierarquias na desejabilidade em que alguns podem performar um modo de ser mais atraente do que outros (FRY, 1982; MOUTINHO, 2006; RIOS, 2008; RIOS et al., 2016a; 2016b; RIOS, VIEIRA, no prelo; RIOS et al., no prelo).

Classe social é um conceito em constante discussão nas ciências sociais, mas ainda de difícil operacionalização no que se refere a indicadores (BARATA et al., 2013). Classe social abrange não apenas demarcações econômicas, mas também culturais (RIBEIRO, 2012). Assim, é possível investigar classe através de uma visão socioeconômica, que abrange as condições de renda e poder aquisitivo, fornecendo o acesso a bens e serviços. Por outro lado, há uma noção de classe que corresponde ao *ethos* e estilo de vida, ou, como Peter Fry (1982) se refere a um sistema de representações que permitem identificar a moralidade que determinado grupo apresenta sobre certas condutas. Contudo, tal distinção não se dá de maneira isolada, pois o que ocorre é que as experiências vividas orientam a percepção que entrelaça as dimensões socioeconômicas com as socioculturais.

No contexto dos estudos sobre mobilidade social nas sociedades contemporâneas há uma importante discussão sobre escolarização, carreiras profissionais e melhoria da renda, implicando, por exemplo, políticas públicas de acesso ao ensino superior de populações às quais países como o Brasil possuem uma dívida histórica, como negros e indígenas (PEREIRA, SILVA, 2010), e, mais recentemente, a população trans<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Na UFPE alguns programas de pós-graduação criaram cotas para pessoas trans.

Ridenti<sup>2</sup> (2001) propõe que se diferencie classe e representação de classe. Sua contribuição auxilia no entendimento de que a representação de classe, diferentemente da classe em si mesma, estaria atrelada a um objeto intermediário que teria como objetivo facilitar relações na troca de mercadorias. Nesse caso, enquanto classe estaria mais voltada para a situação de vida dentro de uma população; a representação, através do aspecto simbólico, materializada num objeto, abrange características permitindo que as relações sociais ocorram atravessadas por meio desse valor agregado a figura de representação social.

Dessa forma, a posição de classe neste trabalho se refere as condições de vida em que se encontram os informantes, especialmente no que se refere a indicadores de renda per capita familiar, enquanto as representações de classe existentes entre HSHs explicitam as noções que fazem referência aos ideais que mediam as interações, inclusive dos arranjos sexuais/amorosos. É imprescindível pensar que, sendo classe uma condição inconstante pois sua classificação depende dos critérios considerados relevantes para refletir acerca de um determinado grupo, classe social adquire sua importância justamente por estar localizada num contexto para ganhar maior significado (BOURDIEU, 2007).

Para operacionalizar a análise e buscando nos aproximar dos modos como os indicadores que acionam representações de classe social se atualizam nos corpos em ação/cena, usamos o conceito de estilização corporal, nos modos como sugerido por Rios (2020: 56-57) para se referir aos processos de engendramentos subjetivos de categorias e regras sociais e das interações:

Por meio das identificações, as pessoas incorporam as regras sociais, as categorizações de sexo-gênero, classe, raça, sexualidade etc., produzindo figurações, imagos. No confronto com novas imagens, que realizamos cotidianamente, essas imagos voltarão a ser acionadas, sendo “usadas” para guiar as interações.

Denomino “estilizações corporais” essas figurações das classificações (inerentes à operação dos supramencionados sistemas sociais). De outro modo, as estilizações são composições sociais, resultados estéticos e de expressividade do agenciamento de elementos corporais (constituição física, gestual, vestuário, adorno, sotaque, cheiro, gosto, textura etc.), os quais têm efeitos de enunciações de identidades. Assim, quando alguém é adscrito a uma estilização por uma configuração imagética, que emerge em

---

<sup>2</sup> O sociólogo contemporâneo Marcelo Ridenti em *Classes Sociais e Representação* discute sobre os conceitos a partir da perspectiva marxista. Ao apresentar noções de classe, como estratificação social e marxismo, associa a representação de classe ao “fetichismo da mercadoria”, elaborado por Marx em *O Capital* (1978), na medida que são os valores atribuídos a determinado objeto de troca que garante a fetichização, ou seja, o desejo em adquirir a mercadoria. Nesse sentido, as relações sociais de classe estariam sujeitas a “coisificação”, mediadas por coisas que possuem caráter representativo. Assim é que Ridenti afirma: “Em outros termos, as relações sociais de classe no capitalismo são *representadas* pelas relações de troca de mercadorias” (p. 88, 2011).

dada interação, há a produção de sentidos (disposições, significados, valores, emoções) que vão mediar a ação (...)

### **Classe e homossexualidade masculina**

Peter Fry (1982) foi um dos primeiros autores a discutir as homossexualidades masculinas brasileiras, e a articular classe social, identidades de gênero e formação de parcerias (implicitamente produção de desejo erótico). Ele observou duas formas de as interações homossexuais se organizarem. A primeira, encontrada nas classes mais pobres, refere-se a uma forma hierárquica de se relacionar que separa os “homens”, chamados de “bofes”, das “bichas”. Os primeiros seriam representados como “ativos” (insertivos nas interações sexuais) e masculinos e os segundos passivos (analmente receptivos) e femininos. Uma outra modalidade de representação sobre as interações sexuais entre homens, observada nas classes médias, seria mais igualitária, em que os participantes da cena sexual seriam denominados “entendidos” ou “homossexuais”, independente de maneirismos ou posições sexuais. Mas, ele relativiza:

(...) as áreas onde esses modelos encontram uma expressão total são raras e (...) na maior parte da população brasileira os dois modelos coexistem (...) [e] podem ser invocados situacionalmente pelo mesmo ator social. (...) toda a evidência sugere que a tendência é o modelo hierárquico ceder gradualmente ao modelo igualitário já que este último conta com principais protagonistas, não somente a ciência médica e a psicoterápica, como também as camadas mais poderosas da sociedade (FRY, 1982:105).

Assim, Fry (1982) atribui a diferença entre as classes a um processo de modernização do sexo, carreado pelo uso do discurso médico para a explicação das sexualidades, que ganharia força no futuro. Vários estudos subsequentes vão mostrar a forte permanência dessa predominância de um modelo hierárquico nas classes pobres e do modelo igualitário nas classes médias e elite (PARKER, 1991, 2000; MONTEIRO et al., 2010).

Moutinho (2006) discute a dinâmica dos afetos e prazeres de jovens homossexuais negros cariocas, moradores de favelas e do subúrbio. A autora sugere que a desigualdade social é um atrativo no processo de escolhas das parcerias sexuais, inclusive por favorecer, na dinâmica erótica que estabelecem, um trânsito entre classes. Ela observa que jovens negros teriam interesse por homens brancos e mais velhos diante das alternativas de mobilidade social que esta configuração homoerótica pode oferecer. Em adição, mostra como eles teriam mais trânsito entre territórios marcados por classe do que homens e mulheres heterossexuais e lésbicas.

França (2013) demonstra que a diversificação do mercado voltado para HSH, especialmente bares e boates, atende a dinâmicas de representações de classe e estabelece aspectos que produzam deseabilidade. Ela estuda as boates paulistas, mostrando uma segmentação territorial marcada por estilos corporais, idade, raça, gostos musicais, modos de vestir, e renda, entre outros indicadores. Esses mesmos marcadores, que influenciam nos trajetos realizados nos circuitos de homosociabilidade, são encontrados nos estudos de Simões, França e Macedo (2010), na cena do centro do Rio, em Monteiro et al (2010), no que se refere ao Rio de Janeiro e Rios e Vieira (no prelo) no Recife.

Sobre o Recife, mais recentemente, Rios (2021), em estudo realizado por meio de inquérito comportamental entre HSH da Região Metropolitana (RMR), nos anos de 2016 e 2017, observa uma tendência recorrente de uma associação entre classe social e desejo, informado por gênero. Usando renda e escolarização como indicadores de classe social, percebe que não há diferenças estatísticas significativas entre deseabilidade relacionada a estilização de gênero e renda. A diferença estatística estaria na escolarização: mesmo os homens masculinos pobres e remediados que tiveram acesso à universidade, referem não desejar eroticamente homens femininos; já os homens femininos na classe média, embora prefiram homens masculinos, referem não rejeitar homens femininos para se relacionarem sexualmente. O autor sugere que a escolarização ao invés de quebrar com modelo hierárquico, o refaz em outros termos, mantendo gênero como horizonte que configura deseabilidades, e reiterando a opressão do masculino sobre o feminino.

Em outro trabalho, que analisa dados quantitativos e qualitativos da mesma pesquisa, Rios e Vieira (no prelo), observam como a escolarização também produz estigmatização baseada em classe, indicada tanto pelos espaços gays de frequência (duas boates do Recife) e, especialmente, pelas representações sociais que relacionam tipos de pessoas aos espaços. A boate Meu Kaso Bar (MKB) é descrita pelos interlocutores como suja e “promíscua” frequentada pela “mundiça” (termo pejorativo para se referir a pessoas pobres, que parece advir de imundice), formada por “bichas pocs” (efeminadas, extravagantes e mal vestidas); a boate Metrópole é descrita como frequentadas por “bichas cocotes”, bem vestidas e discretas, e “boys arrumadinhos”. A diferença da frequência às duas boates não está estatisticamente associada a renda, mas à escolaridade: há menos homens que já frequentaram a universidade na MKB do que na Metrópole.

Tomando a noção de estilização de classe como chave analítica, neste trabalho investigamos os modos pelos quais a classe social marca a lógica de pensar a homossexualidade e as parcerias sexuais; como classe matiza os espaços de interação, seja na dimensão econômica (valor do acesso, públicos frequentados, bens e serviços oferecidos, dentre outras questões), seja na cultural (roteiros de interação) e, por fim, como classe, na intersecção com os outros marcadores, matiza o desejo, considerando pessoas de mesma classe e de classes diferentes.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa tem um enfoque etnográfico e foi realizada na Região Metropolitana do Recife (RMR), localizada no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, que tem como capital o Recife. A região congrega 15 municípios: Araçoiaba, Igarassu, Itapissuma, Ilha de Itamaracá, Abreu e Lima, Paulista, Olinda, Camaragibe, Recife, Jaboatão dos Guararapes, São Lourenço da Mata, Moreno, Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, e tem uma população estimada em 3,69 milhões de habitantes. Ela esteve vinculada ao projeto “Contextos sociais, respostas programáticas e marcações subjetivas na vulnerabilidade ao HIV/AIDS de homens que fazem sexo com homens da Região Metropolitana do Recife” (RIOS, 2018), o qual estive envolvida enquanto pesquisadora por meio de bolsa de iniciação científica.

Utilizou-se como técnica de investigação entrevistas temáticas com HSHs de idades entre 20 e 40 anos, num total de 38 informantes. Desse total realizei 11 entrevistas. Após serem gravadas, foram transcritas. Foram usados nomes fictícios no intuito de proteger os informantes da exposição quanto à sexualidade. As entrevistas foram constituídas a partir dos seguintes eixos: 1) identificação geral (nome, idade, identidade sexual e cidade/bairro); 2) lugares de homosociabilidade e suas dinâmicas; 3) práticas sexuais; (RIOS, 2018). Foi utilizada a análise de conteúdo por meio da qual buscou-se identificar as categorias nativas usadas para constituir práticas de significações (RIOS, ADRIÃO, 2022).

Na segunda parte do questionário utilizado, questionamentos acerca dos lugares atualmente frequentados pelos informantes, como foi o acesso a esses espaços, qual a percepção que possuem sobre eles, além de questionar como os comportamentos variam a depender de onde se vai, foram importantes no entendimento das estilizações de gênero e classe associadas a lazer. Já no terceiro momento em que se perguntou os cenários das últimas transas, os estilos corporais dos homens com quem se teve práticas sexuais e quais as alternativas de prevenção são utilizadas, auxiliou na compreensão de quais indicadores são acionados pelos informantes nas escolhas das parcerias sexuais.

Sobre a classificação de estilização de gênero ser feita pela pesquisadora, e não de forma autoatribuída, houve também discussões acerca de categorias êmicas mais utilizadas para classificar homens. Como e em qual medida é possível identificar traços identitários que coletivamente são percebidos como fenômenos na comunidade HSH, sem sobrepor a posição da pesquisadora em comparação com a experiência do informante. Isso se deu inclusive porque

ao serem questionados quanto a identidade de gênero, os informantes confundiam com a identidade sexual. Além de quê, também faz parte da metodologia da pesquisa buscar desvelar os sentidos que os próprios sujeitos constroem de suas ações, junto ao sentido que a pesquisadora, como analista, munida de referenciais teórico-metodológicos, constrói das ações e interpretações de nossos interlocutores (GEERTZ, 1987).

O critério de participação da pesquisa, além de compor a população HSH, foi de estar com idade superior aos 18 anos. Foi constituída uma amostra de conveniência, constituída por meio das redes de relações dos pesquisadores. A própria variabilidade das marcações sociais dos entrevistadores/as permitiu uma variedade de marcação social dos informantes, inclusive pela composição do grupo de pesquisa formado por pesquisadores em diferentes situações de classe.

Cabe dizer que algumas entrevistas foram realizadas de forma online, quando houve a necessidade em garantir proteção no contexto pandêmico, e presenciais nos momentos anteriores ao início da pandemia do COVID-19 e também com a flexibilização das atividades e avanço da vacina. Após serem gravadas, foram transcritas com nomes fictícios no intuito de proteger os informantes da exposição quanto à sexualidade. A pesquisa seguiu os preceitos contidos nas normas de pesquisa envolvendo seres humanos – Res CNS 466/2012 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012), tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE com o parecer 3.236.149.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES: SOCIABILIDADE, CLASSE SOCIAL E DESEJO

As características correspondentes aos dados sociodemográficos são apresentadas no quadro 1. Assim, nele estão dispostas as idades, raça, estilização de gênero, estado civil, e escolaridade.

Sobre a classificação de estilização de gênero ser feita pela pesquisadora, e não de forma autoatribuída. Houve discussões acerca de categorias êmicas mais utilizadas para classificar homens, utilizadas para classificação – boys/masculinizados e pintosas/feminilizados (RIOS, 2021).

Vale aqui destacar que a classe social/classe foi atribuída por meio de um agrupamento de faixas de renda familiar per capita, conforme categorizações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde o extrato C (4-10 salários mínimos) foi denominada como classe média, o extrato D (2-4 salários mínimos) corresponde a classe remediada e o extrato E (até 2 salários) representa a classe pobre (CASTRO, 2011). Em alguns casos, e ponderações foram feitas referentes ao fato de possuir casa própria, infraestrutura do bairro e outros elementos ponderando a atribuição de classe – voltaremos a isso mais adiante.

**Quadro 1: Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa**

Nome	Idade	Raça	Gênero	Estado Civil	Escolaridade	Classe
Fabricio	25	Branco	Boy	Solteiro	Ensino Médio	Pobre
Adalberto	25	Amarelo	Pintosa	Namora	Ensino Médio	Pobre
Thiago	22	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Gilberto	24	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
José	23	Negro	Boy	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Carlão	25	Negro	Boy	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Bento	25	Negro	Boy	Namora	Superior Completo	Remediada
Heleno	26	Branco	Pintosa	Solteiro	Ensino Médio	Remediada
Alisson	28	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Completo	Remediada
Elias	35	Branco	Pintosa	União Estável	Superior Incompleto	Remediada
Miguel	27	-	Boy	Solteiro	Superior Completo	Média
Jorge	25	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Média
Pedro	24	Negro	Boy	Namora	Superior Incompleto	Média
Ferdinando	25	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Média

Sandro	24	Negro	Boy	Solteiro	Superior Incompleto	Média
Guilherme	22	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Tulio	20	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Caio	22	Negro	Boy	Solteiro	Superior Incompleto	Média
Edson	30	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Completo	Remediada
Luis	20	Negro	Boy	Casado	Ensino Médio	Remediada
Felipe	21	Negro	Pintosa	Solteiro	Ensino Médio	Pobre
Reginaldo	26	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Rogério	29	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Completo	Pobre
John	23	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Completo	Pobre
Johnny	22	Negro	Boy	Solteiro	Ensino Médio	Remediada
Henrique	20	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Ângelo	21	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Roberto	22	Branco	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
André	26	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Alan	28	Negro	Boy	Solteiro	Superior Completo	Pobre
Rafael	31	Branco	-	Solteiro	Superior Completo	Média
Douglas	26	Negro	-	Solteiro	Superior Completo	Pobre
Tarcísio	24	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Incompleto	Pobre
Cláudio	32	Negro	Boy	Namora	Superior Completo	Remediada
Romulo	28	Negro	Pintosa	Solteiro	Superior Completo	Pobre
Wellinton	21	Negro	Pintosa	Solteiro	Ensino Técnico	Pobre
Marlon	38	Branco	Boy	Casado	Superior Completo	Média
Julio	30	Branco	Boy	Solteiro	Superior Incompleto	Remediada

Fonte: Rios, 2018.

As idades variaram entre 20 e 38 anos, sendo 34,21% de idades variando entre 20 e 23 anos, 36,84% entre 24 a 26 e 28,94% de idade acima dos 26 anos. No aspecto raça, a maioria (60,52%) é negra. Já o estado civil prevalece os solteiros, 81,57% da amostra. No que se refere à estilização de gênero, a maioria foi classificado pelos/as entrevistadores/as (57,89%) como “pintosas” e 36,84% “boys”. Quanto à escolaridade, 50% apresentam superior incompleto, 31,7% superior completo, e 15% ensino médio.

### 3.1 Ponderações sobre as atribuições de classe social

Para refletir sobre classe social, não basta perguntar renda individual e familiar, e número de residentes na casa, também é preciso explorar como as despesas são custeadas e divididas entre os integrantes da residência. Além da importância em abordar um pouco mais o lugar onde se mora (rua e bairro), pois isso pode representar acessibilidade ou não a certos lugares de sociabilidade.

#### Arranjos familiares e residenciais

Para compreender a relevância de se considerar a renda per capita na análise de classe, dois informantes se destacam pelo número de pessoas com as quais residem. Nesse caso, Carlão coabita com oito pessoas e Wellington com doze. Ambos possuem idades próximas, são negros e percebidos enquanto pertencentes a classe pobre. Ao comparar as condições de vida, porém, Carlão possui renda familiar de até quatro salários mínimos, renda individual de meio salário, reside em casa alugada, é garoto de programa e mora no bairro do Ipsep no Recife; enquanto Wellington não possui renda familiar fixa, desempregado, casa própria, possui ensino técnico e reside no bairro do Guadalupe em Olinda. Wellington expressa a vulnerabilidade em que vive na organização familiar, quando questionado sobre o convívio das doze pessoas:

[Com quem tu mora?] Com doze pessoas. [Com doze pessoas. Me conta como é que é isso?] É casa de herdeiro [Hum] Então, a gente tá na luta e tal pra tentar separar, dividir a casa, mas até agora sem sucesso. [Certo] Aí eu vou dividir em três partes, porque são três famílias. [Tudo bem] Na primeira parte é a minha tia, o meu tio, aí vem as duas filhas dela. No segundo quarto, aí vem a minha prima, mora o marido da minha prima e o filho da minha prima, pequeno, de dez anos. No terceiro quarto que é a parte da minha mãe é: eu, a minha mãe, o meu padrasto, a minha irmã e a minha outra irmã. [Entendi] Deu onze não foi? [Foi, acho que foi.] Mas tem o namorado da minha irmã. [Tu tem duas irmãs no caso?] Tenho. Aí tem o namorado dela, da minha irmã mais nova, que morava com a gente. [Quando tu fala quarto, é dentro da mesma casa ou é separadinho?] É tudo dentro da mesma casa. São três quartos. Desses três quartos, eu durmo na sala com minha irmã, durmo na sala com minhas duas irmãs, a minha prima, a filha da minha tia, e o namorado da minha irmã. A gente dorme tudo junto no colchão na sala. E nos quartos dorme a minha tia, minha outra prima menor, meu tio. Aí no quarto do meio, minha prima, o filho dela e o marido dela. No outro quarto, no último quarto, a minha mãe e o meu padrasto.

Ao comparar Carlão e Wellington, percebe-se que a mesma situação de classe não diz respeito ao mesmo estilo de vida. Carlão, ao ser questionado sobre sua renda individual e familiar, responde sem muita dificuldade em identificar os valores em salários mínimos das pessoas em sua residência. Já Wellington, desempregado, com padrasto e irmã também desempregados, outra irmã estudante e mãe diarista, ao falar da renda familiar mensal, não responde de forma mais objetiva, pois a própria condição de vida expõe a insegurança

financeira do informante, o que não permite notar qual o valor exato da renda da família. Assim, Wellington diz:

Ah. Olha, minha mãe, ela é diarista. Ela recebe 120 reais por cada faxina que ela faz. Então, no caso, no fim do mês não dá um salário. [Entendi] Acaba que não dá muito, entendeu? [Certo] Mas dá pra viver.

A variedade na composição familiar, nos números de renda familiar e pessoas na residência, revela diferentes configurações de condições vida. Para uma melhor compreensão dos arranjos familiares e tais configurações de condições de vida, quando foi possível, exploramos nas entrevistas as maneiras pelas quais a renda é usufruída pelos informantes. Como se observa em Caio (22 anos, boy, estudante de graduação, renda familiar de dez salários mínimos, classe média), ao ser questionado sobre a renda individual e familiar, responde:

Meu pai tem uma boa renda, digamos...Mais de 10 mil com certeza. Mas eu não tenho muito dessa renda. Entendeu? A gente não tem uma relação, e a relação que a gente tem é que ele paga minha faculdade e meu plano de saúde! Hoje eu moro com minha avó, e minha vó deve ter 2 salários mínimos. E, também, não é na casa da minha vó, é na casa da minha mãe, que mora em Portugal. Então é complicado explicar a minha renda.

### **Composição das despesas – individual e da residência**

Diante da sutileza em se trabalhar classe social, é a conexão de diferentes indicadores que pode melhor identificar a posição de classe que se encontram os informantes. Em caso de classes distintas, tem-se Thiago que (estudante, estagiário, renda familiar de 01 salário) apesar da pouca renda, precisa dividir as despesas com a mãe, o que reflete na limitação da sociabilidade voltada para lazer; Alisson (superior completo, renda familiar de 03 salários, casa própria) apesar de desempregado, tem adquirido renda pessoal auxiliando no pequeno comércio de mercearia da família; e Pedro (estudante, residente de medicina, renda familiar acima dos 04 salários, casa própria, possui carro), embora vivam em coabitação de quatro pessoas, respectivamente se encontram nas classes pobre, remediada e média.

Nos casos em que a renda não foi mencionada na ocasião das entrevistas, como Alan e John, a classe foi inferida por outros indicadores. Alan possui superior completo, cuja mãe, que possui ensino médio, é a única responsável pelas despesas da casa na qual residem cinco pessoas; a maior parte da sociabilidade do informante se dá em casa de amigos. Do mesmo modo, John, que concluiu o ensino superior através do programa FIES e atualmente está desempregado, cuja mãe é dona de casa e o pai trabalha para o aplicativo Uber. Ambos os informantes foram situados na classe pobre.

### **Pandemia de Covid-19 como analisador de classe**

A pandemia de Covid-19, que atravessou a coleta de dados, ajudou a revelar algumas determinantes de classe social. José (23, negro, boy, solteiro, superior incompleto, estudante, pobre) relata razões econômicas para não sair, além da necessidade do isolamento:

Atualmente eu não tenho saído tanto pra lugares de sociabilidade LGBT ou heteronormativo, enfim. Justamente por conta da pandemia e por conta das questões financeiras. Elas impossibilitaram muito a minha saída. Primeiro por uma questão de prevenção, né, eu passei o período todinho da quarentena isolado em casa.

Enquanto para Alisson (28, branco, pintosa, solteiro, superior completo, desempregado, remediada), a preocupação no aspecto renda não parece existir, na ocasião da entrevista não saía para evitar aglomerações:

Eu estou pensando agora na pandemia e não estou frequentando canto nenhum. Eu não vou pra bar porque tá lotado de gente, tem os cuidados. Eu não vou sair pra festejar se não tiver condição. Ai eu não saio muito, às vezes me encontro na casa de alguns amigos e é isso.

Já Thiago (22, branco, pintosa, solteiro, superior incompleto, estudante, pobre) se refere explicitamente às inviabilidades impostas pela situação pandêmica e como essas dizem respeito a classe e condições de vida:

Especialmente nos dias, nos catorze dias que a gente tinha que ficar preso. Eu tinha que sair pra comprar comida, pra fazer alguma coisa, porque não tinha ninguém. Saca? Então assim, coloca você numa situação totalmente diferente. Porque eu sei que tava tendo uma pandemia no resto do mundo e tal, tinha restrições, mas quando você chega em bairro pobre, bairro pobre não tem muito o que escolher. Se há aquele comerciante e tal, pequenininho, é uma pessoa que precisa realmente comprar alguma coisa. Então assim, é literalmente botar a cara as tapas e esperar que o pior não aconteça.

Existe a pandemia do COVID-19 que se apresentou como situação comum aos informantes, porém quando se diferenciam as classes também ocorrem diferenças na percepção dos HSHs sobre quais aspectos da vida foram mais afetados diante das restrições. Dessa forma, enquanto Thiago traz uma inquietação de subsistência como a necessidade de sair para comprar alimentos, José menciona o aspecto econômico e Alisson relata mudanças no lazer.

### **Escolaridade**

Ainda no que ser refere às ponderações, vale também dizer que, embora a literatura (PEREIRA, SILVA, 2010; RIOS, 2021) relacione escolarização e mobilidade social, entre os interlocutores desta pesquisa a escolaridade nem sempre reflete ascendência de renda ou classe. Na classe média, maioria (62,5%) não possui superior completo, como poderia se esperar. Ao

passo que, entre os remediados, maioria (44,44%) possui ensino superior. Já na classe pobre, é expressivo o número de informantes com superior incompleto (57,14%).

### 3.2 Estilo de vida, classe, renda e lazer

#### Renda e mobilidade

Ao observar como as despesas familiares são organizadas, compreende-se que, embora a renda não seja o único indicador que possa determinar a situação de classe do informante, ainda sim, aparece como fator relevante ao propiciar certa mobilidade por espaços de homosociabilidade entre os HSHs.

Fabício (25, branco, boy, solteiro, ensino médio, desempregado, pobre), morador do bairro de Tabajara na cidade de Olinda, onde a rua não é asfaltada, não há saneamento adequado, e a residência é alugada, ao ser questionado sobre os primeiros contatos em espaços homossexuais relata uma experiência de sociabilidade muito recente em lugares gays, ainda que tenha descoberto desejo por homens na adolescência:

É.. pode ser ir pra balada? Eu tive esse primeiro contato com um amigo meu. Foi no Bar do Céu<sup>3</sup>. Foi ano passado até (*aqui se refere ao ano de 2019*). Foi a primeira vez, ano passado, que eu passei a entrar mesmo, de vez. Conhecer pessoas mesmo. Ter amizades, relações.

Já Bento (25, negro, boy, namorando, superior, enfermeiro, remediada), morador do Ipsep/Recife, reside em rua asfaltada em que há saneamento, lugar de fácil acesso, próximo a avenidas de grande circulação, família possui dois carros, relata outras razões para não investir tempo em lazer:

É, eu não tenho muito lazer, neh? (*Risos*). Professor e enfermeiro. Não, é, mais ou menos. No geral, não. Porque no geral eu não saio de carro, porque me limita, neh, de ser, de eu dirigir e tal. Aí eu não saio muito não, no carro não. E quando eu saio não sou eu que tô dirigindo. [Quando tu costuma sair, como é que tu faz pra se locomover?] Uber. [Uber. Ok.] Assim, quando é lazer é Uber. Quando é trabalho, é ônibus.

Para muitos dos interlocutores, o quanto se gasta em lazer varia conforme são distribuídas as despesas de casa. Thiago (22, branco, pintosa, solteiro, superior incompleto, estudante, pobre) revela a necessária divisão das despesas de casa, o que interfere na diversão.

Complicado. Às vezes.. Eu tento, eu tento dividir com minha mãe tudo que dá. Aí tipo assim, dividir absolutamente tudo, cada tipo conta meio a meio. Mas aí quando não

---

<sup>3</sup> O Bar do Céu faz parte de um conglomerado de bares voltados para a população LGBTQIA+ localizados na Rua das Ninfas, subúrbio do Recife.

dá um faz uma coisa, depois outro paga outra e aí tenta balancear. [...] Eu, eu gosto de ir pra barzinho. Tipo assim, coisa próxima aqui da minha casa. Chamo minha amiga que mora aqui no mesmo bairro que eu e tal, estudou comigo na época e tal.

Como se pode observar, no relato de Thiago, os indicadores se influenciam mutuamente. A renda per capita e o modo como os familiares entram na sua composição, influencia no lazer, para onde se vai, e, como consequência, na escolha de com quem se relacionar, além de relacionar aspectos como idade, escolaridade, acionar estilo de vida e modos de pensar.

### **Ethos múltiplos**

Dados mostraram que, ainda que se configure uma determinada classe, a escolha para onde se vai pode variar de acordo com o tipo de lazer escolhido que aciona uma performatividade diferente da classe na qual se está inserido. Nessa dinamicidade de não necessariamente performar o estilo de vida da classe à qual pertence, Miguel (27, boy, solteiro, superior completo, estudante, classe média) diz:

Tu falou que quando ta com um pouquinho mais de dinheiro tu vai pra rua da Mamede né?] Humrum. [...] Porque assim a Mamede é role de burguesinho né, gata? (*Risos*) Não rola de ta lá sempre, não rola mesmo. Ai assim né, quando é uma ocasião especial. Tipo eu fiz aniversário dia 07 de setembro agora, aí eu e meus amigos fomos pra lá, tá ligado? Eu e mais dois, que a gente sempre anda assim em trio. E aí a gente: “não, vamos fazer um role chiczinho hoje”, e aí a gente vai ali pra Mamede que já gasta. Porque assim, eu do Ibura<sup>4</sup>, a outra bicha de Cavaleiro e a outra bicha do Pacheco, a gente tudo acostumada a gastar/comprar litrão a cinco reais, chega ali na Mamede de sete/oito reais uma de seiscentas neh gata, a gente já fica... um tira gosto já é... aí isso é em ocasiões especiais. Aí geralmente a gente vai fazer rolê mais baratinhos, que é, e que a gente se sente até mais à vontade inclusive, de estar no espaço, entendesse?

É importante mencionar para os menos conhecedores dos territórios da RMR, que os bairros do Ibura, Cavaleiro e Pacheco são subúrbios, caracterizados como bairros pobres. A família de Miguel parece ser uma daquelas que ascendeu de renda/classe mas que não mudou de bairro. O trabalho de campo mostra um deslizar das pessoas entre configurações de classe, que envolvem uma série de marcadores, com ênfase para os bairros de moradia e redes de amizade, onde o poder aquisitivo é elemento chave para transitar pelos territórios de lazer da cidade.

A narrativa de Miguel, ainda que não foque em eroticidade e estilização de gênero, revela a proposição de Fry (1982) da capacidade dos sujeitos em dominar vários códigos de interação, diferentes *ethos*, que permite ele e os colegas circularem por estabelecimentos

---

<sup>4</sup> O bairro do Ibura, onde predominam morros e ladeiras, fica localizado na Zona Sul da RMR.

relacionados a diferentes classes sociais. Como já visto em Moutinho (2006), Miguel traz os tensionamentos provenientes de desigualdades, mas não como impeditivo da sociabilidade, e sim como alternativas que permite contato com homens de classes distintas.

### 3.3 Figuras do desejo: o boy padrão como estilização de classe média

Não se pode desconsiderar que a configuração do estilo de vida reflete no entendimento sobre si e de como se é visto pelos outros e envolve o engendramento de estilizações corporais que expressam as subjetividades e ensejem interações sexuais e afetivas. Neste âmbito as figurações expressas e/ou buscadas nas estilizações produzem desejo sexual (RIOS, 2021).

Julio (30, boy, branco, solteiro, superior incompleto, desempregado, remediado) ao falar sobre as características dos homens com os quais costuma se relacionar, diz:

[Tu consideras que tu tens um tipo?] Eram parecidos com o que eu gostaria de aparentar, assim. Uma coisa meio espelho até. [E como é isso?] Sei lá, é como se fosse uma versão minha, só que mais bonita, mais malhada. Como se eu tivesse me relacionando com algum ideal meu, mas que não seja uma coisa muito, sei lá, que não seja um loiro, por exemplo, entendeu? Pele clara, é, enfim. Um pouco mais alto. Talvez um pouco mais musculoso, mas não muito, porque eu não gosto de cara muuuito musculoso. E é isso, talvez mais dotado e por aí vai.

Como Julio, Gilberto (24, branco, pintosa, solteiro, superior incompleto, professor, pobre) articula indicadores como estilização, sociabilidade e raça, para descrever a produção de desejo entre HSHs:

Tem um ideal do corpo, tem o ideal do corpo. Até se você não estiver com vontade de se relacionar sexualmente naquela noite, se você encontra um cara que você diz assim: “Caramba, esse cara é muito gato”, você acaba rompendo o que você tinha planejado pra aquela noite, sabe, que era só dançar. Você acaba indo. Isso é uma visão geral. [Como é esse cara?] É o cara padrão, sabe? Pelo menos é o que eu e os amigos a gente vivencia. Então, geralmente é um cara mais alto, tipo com um e oitenta ou mais. É um cara que ele tem, é, o “shape”, não é? O corpo mais definido. É um cara que ele tem um sorriso, bem cuidado, que ele tem inclusive uma coisa bem interessante, geralmente, os caras com barba são aqueles que mais trazem esse ideal assim de tipo: “Do Cara”. Sabe? que você quer ir, quer se deixar envolver. E acho, também, que embora seja algo no sentido do contexto racial, acho que os homens brancos que tem esse perfil que eu falei, eles tem uma certa vantagem, nesse sentido, sabe? Tanto pra mim, que sou um homem branco também, quanto pra outros amigos meus que são gays e são negros. E eu vejo eles se deixando envolver muito mais fácil quando é um cara desse perfil, sabe?

O campo mostra que há uma categoria, o “boy padrão”, que articula uma variedade de marcas corporais como raça, altura, “cuidados com o corpo” (malhação, depilação, modo de

barbear) que configura uma estilização de classe média e parece produzir em Gilberto e outros de nossos informantes desejabilidade erótica.

Essa categoria não diz respeito necessariamente ao poder aquisitivo, mas evoca disponibilidade financeira, porque são necessários recursos financeiros para manter a “shape” descrita por Gilberto. E há quem, embora pobre, gaste todo os seus poucos recursos econômicos para comprar roupas de marca, “malhar” e cuidar da aparência. Desse modo, exprime uma performatividade que se organiza como estilização de classe (e que na descrição de Gilberto também intersecciona com gênero - boy/masculino).

Esse personagem entra no rol de outras estilizações que sinalizam renda e/ou ethos na sociabilidade HSH da RMR, como o *cafuçu* (negro, masculino, pobre, gay não identificado), a *bicha cocote* (efeminado de classe média, bem vestido), *bicha poc* (efeminado, pobre, mal vestido e escandaloso), como apontado por Rios e Vieira (no prelo).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou investigar as implicações de classe social na formação das parcerias sexuais com finalidade de compreender as diversas configurações das relações homossexuais entre homens, a partir da intersecção com marcadores de renda, faixa etária, escolaridade, ocupação/profissão e estilizações de gênero.

O trabalho de campo teve um enfoque etnográfico e foi realizado na Região Metropolitana do Recife (RMR), entre 2019-2022, por meio de 38 entrevistas temáticas com homens que fazem sexo com homens (HSH), as quais foram gravadas, transcritas e submetidas a análise de conteúdo.

As entrevistas apontaram para uma não linearidade entre renda e ethos na configuração de classe. Por outro lado, o que parece fundamental na configuração da visão de mundo e modo de vida dos participantes da pesquisa é escolaridade, que, embora não tenha necessariamente correlação com maior poder aquisitivo, teria influência na percepção dos processos de desejabilidade que envolvem as interações sexuais. Os dados coletados mostraram um deslizar das pessoas entre configurações de classe, que envolvem uma série de marcadores, com relevo para os bairros de moradia e redes de amizade, onde o poder aquisitivo, apesar de não determinar condição de classe, é elemento chave para transitar pelos territórios de lazer da cidade, também classificados por classe.

Surge uma categoria, o “boy padrão”, que articula uma variedade de marcas corporais como raça, altura, “cuidados com o corpo” (malhação, depilação, modo de barbear) que parece configurar uma estilização de classe média e produz desejabilidade erótica. O “boy padrão” não diz respeito necessariamente ao poder aquisitivo (há quem gaste todo os seus recursos econômicos para comprar roupas de marca, “malhar” e cuidar da aparência), mas exprime uma performatividade que se organiza como estilização de classe.

As diferenças que classe produz na sociabilidade dizem respeito as agências de diferentes indicadores, incluindo renda individual e familiar, mas também faixa etária, onde se mora e acesso a determinados lugares, estilo de vida, profissão e tempo disposto para lazer. Assim as possibilidades dispostas nesses indicadores também influenciam para um arranjo no modo de pensar, preferências e escolhas.

Os dados utilizados nesta pesquisa revelaram a complexidade e as nuances de trabalhar classe. O “boy padrão” surgiu como modelo de desejabilidade configurada em um ideal de

homens másculos pertencentes (supostamente) à classe média. Este configura tudo aquilo que é esperado de um homem que possui um bom poder aquisitivo - corpo malhado, sorriso cuidado – mas que também intersecciona com estilizações de raça (configura branquitude) e gênero (configura masculinidade).

Assim, o “boy padrão” aponta para a desejabilidade do ideal de homem com o qual se almeja formar parceria sexual, acionando desejabilidade erótica, como também remete ao desejo em transitar por espaços distintos da classe a qual pertence, configurando a estilização de classe e o desejo em ascender de classe social.

## REFERÊNCIAS

- BARATA, Rita; RIBEIRO, Manoel; SILVA, Zilda; ANTUNES, José. Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde. **Revista Saúde Pública**. v. 47, n. 4, p. 647-655, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Condição de classe e posição de classe. 6º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CASTRO, de Magnus Willian. et al. Desigualdade de renda e classes sociais: indicadores socioeconômicos do Espírito Santo – PNAD 2009. **Nota Técnica**. n. 17, janeiro de 2011.
- FRANÇA, Isadora Lins. Espaço, Lugar e Sentidos: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. v. 4, n. 2, p. 148-163, ago./dez. 2013.
- FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, capítulo VI (inédito). São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- MONTEIRO, Simone. et al. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cadernos Pagu** (35), p. 79-109. jul/dez. 2010.
- MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, vol. 14 (1): 336, p. 103-116, 2006.
- PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: Editora 34/ABIA, 2000.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia; SILVA, Luís Fernando. As políticas públicas do ensino superior no governo Lula: expansão ou democratização? **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.2, jul.-dez., p. 10-31, 2010.
- RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 641-679, 2012.
- RIDENTI, Marcelo. **Classes Sociais e Representação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- RIOS, Luis Felipe. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do centro do Rio de Janeiro. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 13 (2), p. 465-475, 2008.
- RIOS, Luis Felipe. Era uma vez... Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19 [memorial para professor titular]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco; 2020.

RIOS, Luis Felipe. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. vol. 04, n. 15, p. 219-248. set./dez. 2021.

RIOS, Luis Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. **Contextos sociais, respostas programáticas e marcações subjetivas na vulnerabilidade ao HIV/AIDS de homens que fazem sexo com homens da Região Metropolitana do Recife**. Projeto de Pesquisa. Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHU). Programa de pós-graduação em Psicologia - UFPE. Recife, 2018.

RIOS, Luis Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/Aids entre homens com práticas homossexuais. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. e210427, 2022.

RIOS, Luis Felipe. et al. Da agonia do tesão e ao alívio do teste: práticas soroadaptativas na prevenção do HIV entre homens com práticas homossexuais do Recife. In: RIOS, L. F.; VIEIRA, L. L. F.; QUEIROZ, T. N. (Org.). **HIV e AIDS: Desafios rumo a 2030**. Recife: Editora UFPE, 2016a, p. 75-125.

RIOS, Luis Felipe. et al. Pintosas, Boys e Cafuçus: estilos corporais, erotismo e estigmatização entre homens que participam da comunidade entendida do Recife. In: VIEIRA L. F.; RIOS, L. F.; QUEIROZ, T. N. (org.) **Gays, lésbicas, e travestis em foco: diálogos sobre sociabilidade e acesso à educação e saúde**. Recife: Editora UFPE, 2016b, p.17-47.

RIOS, Luis Felipe; VIEIRA, Luciana Fontes. Sobre a “mundiça” e as “bichas cocotes”: Georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. **Revista Periódicus**, no prelo.

RIOS, Luis Felipe. et al. “Couro no couro”: homens com práticas homossexuais e prevenção do HIV na Região Metropolitana do Recife, **Revista Saúde em Debate**, no prelo.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu** (35), p. 37-78. jul/dez. 2010.